

UASHI
SHANAY



PELA VOZ
DO
VENTO

Pela Voz do Vento

Arenda proveniente da venda deste livro será destinada a uma finalidade única: possibilitar algumas crianças carentes se sentirem crianças...

Santos, Leda Jesuino - org
S 237p Pela voz do Vento. Salvador
Gráfica Maia 1996
50 p.
Adaptação de contos indianos de autoria de UASHI
E SHANAY
1 Contos Indianos lt.

CDD 18-808.83154

Prefácio

Fruto de pesquisas e estudos elaborados por professores universitários, surgiu em 1983 o Livro "Luzes da Índia". A equipe se fundamentou na significativa contribuição da Embaixada da Índia e do Centro de Estudos Afro-Orientais da UFBA, pelo empréstimo da bibliografia necessária, pelas informações fornecidas e nos valiosos colaboradores que auxiliaram na ilustração e nas providências indispensáveis para sua publicação.

"Pela Voz do Vento" é, de certo modo, a continuação dos trabalhos desenvolvidos em "Luzes da Índia". Os contos apresentados guardam a mesma velada mensagem que do Oriente vem se impregnando no Ocidente.

Leda Jesuíno
Salvador, Dezembro de 1989.

Nossa Homenagem

A capa e ilustrações deste livro foram idealizadas e executadas por José Carlos Lauria Senra Caminha, o talentoso pintor baiano e querido amigo que já em outra dimensão se encontra, deixando-nos ainda muito jovem, no período mais significativo de suas potencialidades artísticas.

José Carlos Lauria Senra Caminha, natural de Salvador, diplomado pela Escola de Belas Artes da Universidade Federal da Bahia, apresentou-se em várias exposições coletivas e/ou individuais de Salvador, Curitiba e São Paulo.

Participando do Salão Baiano de Verão, em 1977, obteve o 1º prêmio.

Várias galerias de arte como Cañizares e a Eucatex expuseram seus trabalhos, inclusive retratos apresentados positivamente por Aírton Lima e Carlos Eduardo Rocha.

Com a professora Márcia, atual diretora da Escola de Belas Artes, participou da exposição coletiva patrocinada pelo Instituto Cultural Brasil-Alemanha e Universidade Federal da Bahia, alcançando o 1º prêmio.

A morte o arrebatou aos 39 anos, quando lhe chegavam convites para expor no exterior, quando seu nome ganhava a exata dimensão de sua arte.

Nosso agradecimento especial a Solange Mendes da Fonsêca, pelo carinho e a competência que a acompanharam na revisão dos textos.

Pela Voz do Vento volta a ser editado pela segunda vez, pela força da generosa compreensão do Sr. Paulo Maia que, numa colaboração extremamente oportuna, coloca a Gráfica Maia à disposição.

Volta agora pela vontade determinada de Frederico S. Wenceslau da Silva, presidente do Conselho Deliberativo do Instituto de Cegos da Bahia, e de todos os seus membros, com a finalidade específica de levar à criança cega, que se encontra no Instituto de Cegos da Bahia, um pouco de luz no seu caminho, um pouco de sonho no seu real quotidiano, um pouco de amor na aridez de sua vida...

Ao adquirir um exemplar, o leitor abre um sorriso na face de uma criança cega.

CONSELHO DELIBERATIVO

PRESIDENTE

Frederico Seligsonh Wenceslau da Silva

CONSELHEIROS

Carlos Kauark Kruschewsky
Edwin Thomaz Montenegro Isensee
Elvira da Costa Pinto Pires
Francisco Pessoa
Américo Vilanova
José Fernando Figueiredo
Manoel Santa Rosa
Mário Antônio Lisboa
Raimundo Magaldi

CONSELHO FISCAL

Aristeu Barreto de Almeida
Mário Costa Neto
Jobeh Prazeres

DIRETORIA EXECUTIVA

PRESIDENTE

Silvia Maria Figueiredo Baptista

VICE PRESIDENTE

Hamilton Carlos de Souza

2ª VICE PRESIDENTE

Wandorah de Mesquita Souza

1ª TESOUREIRA

Maria Celeste Dória Costa

2ª TESOUREIRA

Sylvia Teixeira Leal de Abreu

1ª SECRETÁRIA

Adélia Marelim

2ª SECRETÁRIA

Sandra Araújo

CONSELHEIRAS

Maria de Lourdes Bruno
Maria Jacyra Carvalho
Helly Bartilotti
Nathalia Maria Santos Mascarenhas
Maria Lucia Maciel
Maria Abubakir Pedreira
Leticia Tavares Machado
Lia Margarida Santos Costa

TÉCNICOS

Ana Cristina

Tereza Viana de Souza

Alix de Menezes

Ivone Pinheiro Timbó

Virginia Coelho de Sant'Ana Amorim

Nadja Maria de Souza Oliveira

Eliene Cerqueira de Melo

Marília M. Pedreira

Andréa Maria César Kruschewsky

Maria Auxiliadora dos S. Cavalcante

Eliana Fernandes

Lenise Maria Silva Santos

Eliana Pinheiro Monteiro

Deborah Maria Mangabeira

PROFESSORES

Jacira Maria Santos Dantas

Maria Cerqueira da Cruz Gomes

Nadyr Valentini de Souza

PESSOAL ADMINISTRATIVO

Maria José Alves Guerra

Magnalva Moreira dos Santos

Margarida Maria de Lima

Wagner Machado de Souza

Braz Cardoso de Souza

Bárbara Pereira da Silva

Henryka S. Nogueira

João Pereira

Manoel Bonfim P. da Silva

PESSOAL DE APOIO

Adélia Maria Nascimento dos Santos

Ana Cristina Ramos de Melo

Aurêlio Estácio da Costa

Edimélia Fernandes Serra

Gilmar Cardoso da Silva

Iranilde de Oliveira Carneiro

Jaira de Jesus Santos

Josenete Maria da Silva Araújo

Josineide Maria da Silva Araújo

Luiza Moreira dos Santos

Maria de Lourdes Rumao Almeida

Maria do Carmo Dias dos Santos

Marlene Novaes Rocha

Possidônia Barros da Costa

Ricardo Oliveira Souza

Vanilda da Silva

Ouçã a Voz do Vento...

Esta Índia de tantos mistérios elevou sua fascinação ao mundo da fantasia de nossa amiga Leda que lhe fez da sua vontade, vontades esquecidas da velha Índia. Esta Leda tão mística, tão jogada ao mundo criativo, que fez de seus personagens um pouquinho de nós, sempre desejosos de realizar um sonho perdido em vidas de castelos e mistérios. A Índia ajudou, através de seu ilimitado sonho, a dar a cada personagem seu tom de mistério.

Somente esta mestra de grande cultura pôde realizar a imagem esperada pela doce ilusão.

Galguem as escadas desse mundo criativo e deixem seus pensamentos se concretizarem através de mensagens lançadas pela voz do vento e deitem-se na relva e sonhem com os sonhos desta escritora.

No primeiro conto, a personagem estabelece um mundo de vontade não realizável, mas determinada pelo senso de um passado longínquo mas próximos aos desejos da criatividade de uma mulher. Assim se confundem nossos planos limitados pela ilimitação de sonhos.

O leitor pode não compreender o real da personagem, porém pode se esconder nas ilusões encontradas nesse conto de linhas traçadas pela autora para definir uma personalidade entre mistérios de locais que se identificam com as reais concretizações de fantasias que inundam a consciência de um leitor. São estrelas que cintilam em momentos, mas deixam seu brilho quando a imaginação é controlada pela realidade. Por isto, é melhor acompanhar a criação da autora e deixar-se levar pelos momentos de um mestre Washi em seus devaneios na busca de ser e não ser. É melhor que o leitor se deixe levar pela falta de realização de um amor impossível. Somente o romantismo desta autora pode definir o que é possível e o que não é possível.

Queria entrar neste mundo e realizar meus sonhos através dos sonhos desses personagens.

As palavras mágicas da mestra Leda trabalham na imaginação e concretizam um irreal na esperança de um momento real desses contos.

Deixei-me transportar à velha Índia e procurar nos momentos da personagem meus momentos.

Deixei-me transportar no idealismo de um mestre meus ideais esquecidos.

Deixei-me transportar no confessionário daquele sacerdote com as minhas frustrações. Leia, amigo leitor, e viva seus momentos com esses personagens.

Maria Luigia Magnavita Galessi

Se o amigo está envolvido no caldeirão efervescente do seu mundo competitivo, desgastado e pragmático, deve acautelar-se.

Ao deparar-se com estórias românticas e anacrônicas para um tempo devorador de ilusões, trazidas pelo Vento que sopra do Leste, passe ao largo, discretamente, guardando consigo a conveniente reserva.

Não se perderá no tempo das idéias do ONTEM, tolas e inúteis, que perturbam e aviltam o seu prosaico e caótico mundo de HOJE.

*Onde encontrarei a verdade
se a escondo sempre?*

Pela Voz do Vento

"O vento é o mesmo, mas sua resposta é diferente em cada folha."

Cecília Meireles

É uma história triste...

Chegou-me aos ouvidos pela Voz do Vento.

Não sei se o Vento, sibilino e frio, é um bom contador de histórias e estórias. Mas era uma tarde outonal de maio, e ele sussurrava forte e límpido como a Verdade.





Pela Voz do Vento

Da minha janela, eu a divisava, longínqua e distante, na paisagem verdejante e natural. E meu olhar nela se fixava por muito tempo. Às vezes, até, eu me perdia no deslizar das lembranças que me evocava.

Era uma simples colina, das muitas que emolduravam a costa da pequena cidade onde nasci. Minúscula e perdida na memória dos poderosos daquele imenso país, porém, tão presente na minha própria história, que, ao vê-la assim, despojada e nua na sua beleza natural, despertava-me um indomável desejo de galgá-la em dia calmo, tranqüilo o coração e sossegada a alma. E prometia a mim mesma a alegria desse momento, vislumbrado com esperança e antecipado gozo. Exatamente por isso estava em festa meu coração, quando surgiu aquela manhã tranqüila de Outono, que sobreveio ao tórrido Verão de um ano tropical. Seria este o dia em que poderia voltar às minhas raízes, e isso aconteceria, certamente, ao subir da colina.

Decidi, ao descer do carro e deixá-lo embaixo, iniciar o galgar da minha colina, toda enfeitada do colorido de minhas lembranças, como a contemplava na minha meninice, coberta de boninas e flores silvestres, íngreme e arrogante, afastando o dominador que a desejasse apenas por desejar. Por isso foram vagarosos os passos com que iniciei a jornada.

Estaria eu subindo uma colina ou descendo ao fundo de um poço, buscando perdidas ilusões? Más intenções aquelas que dominavam a minha vontade. Arrancar lembranças sopitadas nos velhos casarões que ainda lá viviam não era acariciador nem revigorante. Estavam confundidas com a própria terra. Pó de saudade e poeira de estrada misturam-se às vezes e somem no espaço com o Vento... Para onde, porém, o Vento os leva e o que constrói com eles é assunto dos deuses. Se o vento tem com os deuses firmado algum tácito e ignorado acordo era outra incógnita das muitas que cruzavam a emaranhada rede de meus pensamentos naquela tarde de Outono.

O Sol iniciara o seu trajeto regular, e o dia começara ensolarado, de céu puro e translúcido. Por essas razões óbvias, a tarde viera convidativa e serena. Além disso, era sábado, e a multidão que, frenética e apressadamente, subia e descia os morros da minha cidade fugia ansiosa para o campo ou para as praias distantes, em busca de si mesma...

A subida da colina eu comecei, portanto, solitária, sem o passar de carros ou de pessoas. Minha sombra ia comigo; eu, ela, o Sol enfraquecido de maio e muitas e dolorosas lembranças. O Passado ia bem à frente, no carrossel das recordações. E a figura da menina loura, de tez rosada e olhos de mel tomou conta do Presente, desmanchou-o, desfigurou-lhe o semblante e construiu a sua tela em torno de meus passos. E tal qual o mágico toque dos encantados seres dos sonhos que me embalaram, senti-me menina e desamparada subindo aquela colina.

Era um caminho diário, de malmequer entre os dedos, sempre despetalado, de boninas juntinhas em buquê formadas, colhidas por mãos pequeninas e inconseqüentes, a esmo, sem critérios.

A sombrinha que levava na minha mão direita era, naquele momento, a vareta com que costumava traçar, no chão de barro, a linha sinuosa do caminho que seguia, para amenizar a íngreme subida. Indo e vindo, brincando com as flores, serpenteava, assim, a colina. Tornara-se um hábito que, naquele instante repetido, me fazia sorrir o coração e me oferecia um intenso prazer secreto e íntimo.

Caminhando desse modo, por uns minutos, buscava, no chão de asfalto, as flores do buquê que o Passado me oferecera em profusão. Esqueci um pouco a diáfana companhia das nuvens de algodão, que em fadas, duendes, monstros, príncipes e princesas se transmutavam, ao sabor caprichoso, infantil e inconstante da menina ingênua de sete anos.

Costumava dar uma parada súbita para me sentir por elas envolvida, quase dominada... Seus meandros, seus segredos, suas formas me encantavam. Ao contemplá-las dessa vez, porém, eu me assustei. Começaram a escurecer, e nimbos pesados, cor de chumbo, marcaram realmente a brusca mudança de tempo. O ar se tornou frio e pesado, substituindo a aragem fresca que vinha mansamente do mar, lá embaixo. Acelerei os passos um pouco, mais por defesa instintiva, sem, entretanto, voltar ao Presente. De súbito e imensamente, o Vento começou a soprar, e, como cada vez mais alto eu conseguia estar, podia ouvi-lo, sibilino e forte.

As casas fecharam suas janelas, e os galhos das árvores dos seus pequenos jardins foram impiedosamente sacudidos. Escurecia a tarde. O que antes era transparente e límpido se tornava denso, opaco e tristonho.

Ainda permanecia lá, íntegra, a minha doce imagem, a personagem romântica dos meus sonhos? Por que me assustava? Ela não vinha sempre confundida com a forma indomável do Passado? E que diferença faia o Passado ou o Presente? À medida que galgava a encosta um pouco mais, avançava, inacreditavelmente rápida e tenaz, não só no espaço, mas no tempo.

Lá estava delineada, no fundo azul do infinito etéreo e fugidío, a figura esguia e frágil de Laii, menina e mulher, que penetrou na constituição celular dos meus anos de criança e aninhou-se, às escondidas, em não sei que espaço do meu ser; tomou de assalto minhas emoções e solidificou-se, adquirindo forma própria e inconfundível.

Por que me assustava? Queria enganar-me com mentiras construídas pela emoção, pois, na verdade, eu estava ali para encontrá-la; para encontrar a menina de outrora. E encontrá-la era encontrar-me, deparar-me comigo mesma, enfrentar-me. Devia saber disso desde o amanhecer do dia.

O Vento soprava mais forte. Já não era a brisa refrescante que, em carícias, me recebera lá embaixo. Aproximava-se mais forte ainda, e meu corpo adulto e rijo se curvava um pouco, ao sabor daquele convite. E novamente eu me encontrava entre nuvens e ventos, entre céu distante e terra firme, entre espaços diversos e tempos confundidos.

Não deveria ser uma surpresa. Todas as vezes que as esvoaçadoras asas da mente de mulher pousavam naquela colina, eu ouvia e sentia toda a pujança daquela estória que então sussurrava aos meus ouvidos e que Ana me contava, sentada no topo da colina, olhos meio perdidos nas montanhas de além, a voz forte e rouca, de semblante tristonho, todo ele mergulhado numa pálida e remota melancolia.

À incompreensão do meu olhar furtivo, Ana sorria, disfarçando a sua dolorida saudade. Sobre meus cabelos pesavam suas mãos rústicas, mas suas palavras eram leves e esperançosas; tentavam trazer-me a certeza do futuro:

Um dia, o Vento vai te contar, minha menina.

Era assim que me dizia quando a sua menina indagava, curiosa, o que de sua estória triste ficado escondido não sei

onde... Talvez até na sua própria tristeza. Como se pode saber quando é Primavera e não sopra o Vento?

Ana havia partido para desconhecidas e ignotas paragens, mas o Vento era fiel àquela promessa, feita com amor, a uma criança. Por isso estava ali, sussurrando, presente junto aos meus ouvidos, totalmente receptivos, então, aos seus cantares.

Vento fiel e amigo, repetindo sempre as palavras de Ana, uma por uma, no seu tão animado tom quando falava dele e, às vezes, tão distante quando falava dela... Pude, nesse momento, compreender por que não voltara antes à colina tantas vezes lembrada. O Tempo me protegera com seu manto de espumas, esbatendo, assim, o golpe **impactante** da minha volta, dos meus encontros e desencontros.

A princípio, a voz de Ana na voz do Vento, divertindo-me, embalou-me o sonho, mas, à medida que minha figura emergia do Passado, a figura de Laili se sobrepunha, esmagando-me. A sua lembrança subindo a colina, esvoaçante e apressada, de corpo magro e frágil, tez morena e rosto emoldurado pelos cabelos negros em trança única que, no seu saltitar, pendia ora à esquerda, ora à direita de seus ombros estreitos, era-me tão presente e de tal modo me dominava que a realidade me escapava irresistivelmente. Minha luta para nela permanecer me empurrava tempo a dentro... E o Presente não tinha mais sentido para mim. Para sentir-me eu mesma, apressava os passos. Inversamente, a voz de Ana se tornava cada vez mais próxima e, no soprar mais forte do Vento, recontava:

Ela estava prometida. Era acordo sério de famílias nobres. Eram pactos de honra jamais rompidos; nos seus elos, guardavam misteriosos silêncios. Ele era nobre e belo, de acentuada cor morena oriental, pálida, olhos profundos, daquele que penetram contundentes e definidos nos seus olhares, de passos largos e resolutos, às vezes céleres, jamais hesitantes, de gestos amplos e seguros, próprios de quem desconhece a dor e, convivendo com a opulência, olha em volta, ostentando o orgulho natural de poderoso senhor da Terra. Elos férreos, construídos não se sabe em que estranhas regiões do espaço infinito, assegurados e benditos, que, ao se desfazerem, quebram, talvez, a secreta sinfonia sideral dos astros.

Aquela sensação de presença tão imperiosa me transtornava, por isso abri a sombrinha e galguei, rapidamente, mais dez metros. A paisagem tão familiar do meu mundo de criança se transmudava. A voz de Ana se fortalecia no colorido da voz do

Vento, com seu sibilino cantar. E, nesse sussurrar, eu me confundia, perdida e submersa na própria névoa do Tempo.

A esfuziante alegria da imagem de Laíli, que não me era própria, dominava a paisagem. Era um corpinho magro, saltitante, um potrinho descortinando novos horizontes. Parava às vezes, porque, aos seus pés, pontinhos brilhavam à luz solar. E ela se curvava fascinada por aqueles fascinantes vidrilhos coloridos, recolhendo-os nos bolsos fundos dos seus graciosos vestidos de criança. Aos saltos, balançava sua longa trança e fazia trincarem as pedras preciosas da sua imaginação infantil.

Algo estranho me acontecia. Eu podia vê-la subindo ao apagar da minha própria imagem. Eu estava parada, imóvel, inteiramente imersa num tempo indefinido. Encostei-me no muro de um casarão antigo. Não queria aquela colina, e a paisagem era diversa: flores que eu não conhecia, casarão de arquitetura estranha para mim. Mas eu estava de olhos abertos e via, enxergava com olhos físicos Laíli subindo o morro. A expressão de sua fisionomia se delineava, à proporção que o Vento sussurrava aos meus ouvidos a voz de Ana:

Subia sempre, construindo, nos seus sonhos, castelos longínquos em terras distantes e desejadas... Laíli galgava a colina pulando, para, lá em cima, deltar-se na relva macia e, com as pedras e vidrilhos, construir na terra meio arenosa e fofo, um castelo de reis, rainhas, nobres condes e duques das estórias que lhe contavam, outros príncipes altos e belos, de olhos azuis de anil e gestos fidalgos. E assim ficava, após desenhar e enfeitar o solo com seus retnados, os olhos fixos no além das montanhas que divisava ao Leste e no mar que, lá embaixo, acariciava os rochedos negros. Laíli sorria...

Assim continuava Ana pela voz do Vento, pensando em que mundos se encontrariam os personagens de seus devaneios, olhos brejeiros de olhar curioso e forte, sonhador e ambicioso.

Assustada, eu me perdia cada vez mais. Tentei apagar por completo minhas recordações, num corte imediato e pronto, sem vacilações. Esfreguei fortemente os olhos, de pálpebras cerradas, e procurei descer a colina em desabalada corrida para o meu Presente, para a minha realidade. Forcei o pensamento, numa ordem peremptória e aguda, mas, incrivelmente, os músculos não me obedeciam, e, iluminado, o meu inconsciente me alertava: " _ Vieste buscá-la? Por que fugir agora? "

O Vento sibilava, e a voz de Ana como música de fundo:

Laíli sorria, prescrutando o seu futuro de mulher com a pureza ingênua de mentna mimada, sem dores e sem frustrações.

Eu via Laíli. Mais do que isso, eu subia a colina como se fosse ela; eu podia sentir o que ela sentia. Respirando forte e em descompasso evidente, a taquicardia me incomodava com aquela sensação de tambor tão conhecida dos emotivos diante de impressões estranhas.

Naquela visão paradoxal, eu era ator e espectador!

Encontrei-me percorrendo o olhar pelas montanhas além-mar e deitando na relva, com um enigmático sorriso nos lábios...

A voz de Ana sempre de fundo:

Laíli estava prometida, minha mentna, ao filho de um diávan e aos catorze anos...

Houve um corte na voz de Ana. O Vento soprava apenas.

Estaria eu sonhando? Pensei. E, durante a pausa, sentei-me à beira de um passelo e respirei um pouco, profunda e demoradamente.

Teria sido uma evocação forte demais do Passado?

Realmente, aquela colina significava toda uma infância de triste solidão e dúvidas atrozes... Por que teria penetrado tão a fundo no Passado? E por que, dentro dele, a estória mil vezes recontada por Ana se transformava, nesse momento, numa realidade fascinante tanto quanto assustadora e aflitiva, numa sensação desconhecida?

Por que? A essa indagação sincera, ansiosa, feita não sei a quem, de mente aflita e olhos úmidos, misturava-se a incógnita humana diante do misterioso desconhecido.

De novo e repentinamente, as palavras de Ana na voz do Vento, sem qualquer consideração ao meu estado de ânimo... Ele veio sibilino e, dessa vez, um pouco frio. Já não era, assim, tão quente como antes, mas trazia, com uma fidelidade invejável, aquelas mesmas palavras proferidas há tantos anos, no longínquo passado da minha infância:

O Tempo transformou aquele corpinho delgado de mentna saltitante num corpo de mulher, repartiu a sua trança em dois lindos cordões negros entrelaçados, delineou-lhe os lábios carnudos de beleza sensual, acentuou a sua tez morena e ornamentou seu rosto com uma expressão de malícia feminina. Os seus olhos, porém, que ansiavam o além-mar e perscrutavam as riquezas e as glórias de outras terras, esses não foram

tocados pelo Tempo. Ao contrário, conservaram a expressão de anseio, a vivacidade de forte ambição, os desejos que contrastavam visivelmente com a melguice de sua figura frágil de adolescente desabrochando para o amor.

E Ana falava, em tom tristonho:

Ela continuava a subir a colina, mas, agora era tão diferente! Subia sôfrega e ansiosa, em passos rápidos, graciosa e bela, toda enfeitada de colares e anéis, que se distribuíam entre o colo de moreno pálido e os dedos finos de mãos esguias. Os vidrilhos de sua infância foram, então, substituídos por pedras preciosas - o que a riqueza de sua família permitia e sua vaidade usufruía sem moderação. É que, ao chegar no topo daquele pequeno morro...

Continuava Ana pelo sopro do Vento, e o sol morno de Outono me ajudava a recompor suas palavras:

... ela sentava-se, sonhadora e só... Mas era passageira aquela solidão. Apenas o bastante para escolher o seu lugar preferido num cantinho de relva, entre tufos de folhagens, rodeadas de flores da época. E da sua garganta saía forte o nome do seu noivo. Ela gritava o seu nome, meio nervosa e cheia de ansiedade. E ele subia correndo para encontrá-la - Laili, o seu primeiro e único amor, mais forte que sua própria vida, minha menina, além de sua própria morte...

Ana falava e chorava e soluçava às vezes. Eu, criança ainda, olhava os seus soluços sem compreendê-los. O Vento soluçava, também, zunindo, e eu, nesse momento, o entendia. Mais do que entendia. Assim, de repente, eu podia ver Laili, graciosa, sentada na folhagem, discretamente oculta, toda envolvida nos braços do seu amado. De novo eu via e sentia toda aquela cena e todo o envolvimento emocional que ela trazia no seu bojo, toda a pujança de seu amor transmitida naquele abraço.

Mas eu estava ali sentada, imóvel, quase sem respiração. Laili era eu, ou eu era ela? Que se passava, meu Deus?! Tão confusa me encontrava, que, silenciosamente, apertei o cabo da minha sombrinha para me sentir viva. Mas tudo acontecia tão extraordinariamente rápido! Sucediavam-se as emoções, as visões, as impressões, as vacilações, as dúvidas...

O Vento ficava cada vez mais forte, a tarde avançava tempo a dentro, e a paisagem era a da outra colina - a colina de Laili...

Dizia-me o Vento:

E ela lhe perguntava, ambiciosa, o que existia além daquelas montanhas; e ele lhe sussurrava aos ouvidos, com sua cabeça tão querida sobre seus ombros másculos e protetores: "Apenas e simplesmente existe lá, além das montanhas, o eco do nosso amor."

E ela sorria com o amor posto nos lábios e nunca no seu coração...

Por que punha Ana, neste trecho da estória, tamanha amargura?... Era o que eu indagava há tantos anos atrás.

Nesse instante, eu mais do que entendia... Sentia na própria carne...

Também o zunir do Vento não era mais a refrescante aragem do último Verão.

Mas o jovem de tez morena e olhar sincero só se apercebia dos seus sonhos e da vontade de torná-la a mulher do seu destino, a esposa prometida e desejada, amada como ninguém jamais o fora. Por isso, ternamente tomava as mãos de Laili entre as suas. Ao sentir a força desse sentimento, mais poderoso que a razão, extravasava em versos o seu inexprimível e eterno amor. E recitava...

Nesse momento, Ana se transtornava. Eu podia ouvi-los, porque sempre os ouvira, desde pequenina e ingênua até adulta e amargurada, em busca eterna pelos turvos caminhos traçados a esmo pelo meu destino. Eu podia ouvi-los, porque sempre os ouvia, toda vez que o sonho se aninhava, às ocultas, dentro de mim mesma; porque os ouvira como embalo e consolo pelas desventuras da realidade:

Ponha suas mãos nas minhas, e eu lhe mostrarei o sentido de toda vida existente neste maravilhoso Infinito.

Ponha suas mãos nas minhas, meu amor, e eu lhe mostrarei que a luz que brilha no Infinito é a sua própria luz, e os astros se curvarão diante de tão grande amor.

Ponha suas mãos nas minhas, e eu lhe mostrarei que este Infinito tão ilimitado passa a ser limitado diante do seu amor.

Ponha suas mãos nas minhas, e eu lhe darei o sorriso do Infinito, e este sorriso será pequenino diante da alegria do meu próprio sorriso.

Ponha suas mãos nas minhas, querida, e nossas vontades

formarão uma só vontade, e nossos espíritos serão um só espírito, e suas lágrimas não mais serão derramadas.

E ela sorria...

- Falava-me o Vento, naquela tarde de Outono morna e suave, como se sentia Laili, lânguida e bela no seu primeiro beijo de mulher, totalmente envolvida por um amor ardente e puro, forte e eterno como a Vida além da Morte.

Aquela sensação mágica me dominava. Totalmente extasiada, paralisada, minha vontade se afrouxava nos braços lassos de Laili. Vivíamos, ali, um amor estranho e fascinante, envolto num desejo férreo de intercomunicação plena de dois seres.

Seduzida, eu me via ali sentada, quando, de repente, a imagem dos amantes desapareceu. Foi então que, com forças renovadas, eu subi, a passos largos, até o topo da colina e toquei aquele chão, para me sentir eu mesma. Tinha necessidade de certificar-me.

Parecia que Ana me dava um intervalo de realidade plena e inequívoca. Mas era por pouco tempo. Ela voltava a falar-me, e o Vento era bom portador das suas emoções, provocando em mim estranho torpor, como um imenso amortecedor do real.

Naquele topo de colina, se firmava, em cada encontro, um compromisso eterno entre Laili e seu amante. Aquela menina brejeira e sagaz não poderia adivinhar que os braços que a enlaçavam eram mais firmes que os negros rochedos de lá de baixo e que aquelas promessas de amor se cumpriram num tempo e num espaço eternos e ignorados.

Assim dizia Ana. E continuava:

Muitas vezes, minha menina, eles se encontraram...

E as suas emoções impregnavam de magia aquele lugar que ela descrevia com seu romantismo sincero e profundo.

Mas as figuras tomaram posições contrárias. Era ele, agora, que subia, sôfrego, a colina e chamava sua noiva amada, já de casamento firmado pelas famílias, ansiosas pela união de seus jovens filhos. Em dia certo do calendário daquele ano, que vai tão longe no tempo, deveriam unir-se de acordo com a formalidade da lei e das convenções sociais da sua cidade.

Sussurrava o Vento:

Ele a chamava, e do seu coração se evolava o doce nome daquela moça ambiciosa, de corpo malicioso e sorriso aventureiro. Sozinho e triste, permanecia à espera tantas vezes frustrada!

- Por que, Ana, ela não vinha? Eu indagava à minha governanta inglesa. Por quê?

Soprava o Vento, trazendo, mais uma vez, a voz de Ana:

Os olhos aventureiros de Laïl encontraram novos e ignorados caminhos, minha menina, e neles ela tentou descobrir um pouco dos seus desejos e sonhos. Sua sede de aventura e luxo, galgando a linha do horizonte, encontrara um poço de águas cristalinas e azuis, como as miragens do deserto árido.

E ela se adentrou nele, envolvida em quimeras.

Aqueles olhos de um intenso azul, meio indefinidos e etéreos, eram estrangeiros e misteriosos e pertenciam à velha Inglaterra. Enfeitavam um rosto alvo e belo, envolto em cabelos dourados como os seus sonhos. E a sua estória continuava:

Atraída pela dinâmica dos contrários, Laïl sorria, intetramente emaranhada naquele sorriso enigmático e sonhador, mergulhando em mentirosas promessas que ela enxergava verdadeiras. E como o olhar navegava, partia para seus mundos longínquos, além das montanhas e, quem sabe, além de si mesma... Mas, na colina, seu noivo a chamava - o herdeiro de um dinar, ferido no seu orgulho, mas fiel no seu profundo e imorredouro sentimento, mais forte que a própria dor e que a própria morte.

Lá permanecia Katar, só e triste, no topo da colina, a evocá-la e a ouvir apenas o eco do seu próprio amor. Mas não desistia, porque, às vezes, como que hipnotizada pela força daquele sentimento, Laïl vinha ao seu encontro e, esguia e fugidia, sorrindo lhe indagava: "- O que ocorreria, se eu fosse além daquelas montanhas?" E ele respondia: "- O nosso amor iria à sua procura, minha querida". E recitava:

Ponha suas mãos nas minhas, e poderemos olhar de perto o infinito...

E ela o interrompia, ainda sorrindo: "- E, se eu descesse e procurasse caminhar bem perto da linha do horizonte, o que aconteceria?" A sua resposta não tardava: "- O nosso amor seria

o limite do próprio horizonte..." E ela sorria.

Mas ele já vislumbrava as falsas alegrias nos olhos da sua amada.

E, porque eram fortes demais as emoções, Ana parava aí sua narrativa.

O Vento também parou um pouco de soprar. Levantei-me e me preparei para a descida, mas sem a alegria da vinda.

Sobre mim sempre pesaram as emoções daquela estória. Elas marcaram os doíçados crepúsculos da minha infância. Quando Ana respirava fundo e voltava à sua narrativa, meu coração pequenino e ingênuo se contraía, apertado, mas não sei se Ana se apercebia disso. Recomeçava a contar-me:

Muito tempo ele permanecia ali, abalado e só. Lá embaixo a cidade se inquietava e murmurava a tristeza do seu filho ilustre, herdeiro de um famoso diácono, trazendo dentro de si o orgulho característico de sua estirpe e estampando, no porte nobre, o desconhecimento das frustrações e, nos gestos, a ignorância da miséria do seu povo nos butis que sobre sua mansão se curvavam, miseráveis e famintos.*

Aqueles murmúrios abafados e furtivos, tímidos e vacilantes, sussurrando para não magoar, se espalhavam e cobriam de um manto negro a verdade terrível, que se tornava cada vez mais forte na dor de um velho sábio que, naquela antiga cidade, havia feito a sua morada e amava o jovem herdeiro com aquele reservado e íntimo sentimento que se dedica a um amigo despreparado para as correntezas do caudaloso rio das paixões humanas.

Suas barbas brancas, encanecidas, lhe diziam que ia chegar um momento muito difícil. E foi chegada a hora. O seu jovem amigo desceu, um dia, a emoldurada colina cabisbaixo e abatido, ferido o orgulho e magoado o puro sentimento que se encolhia, teimosamente, dentro do seu peito. Desceu devagar, sabendo que ali voltaria para reencontrar a nova amada e, de novo, poder dizer-lhe o que sua alma romântica de poeta teimava em gritar:

Ponhas suas mãos nas minhas, e eu apagarei a própria luz do sol, para que ele não ofusque o encanto dos seus olhos.

Ponha suas mãos nas minhas, meu amor, e eu mandarei parar o canto da Natureza, para que seu canto se torne mais alto.

Havia esperanças no seu coração, mas não certezas, quando entrou na humilde casa do seu velho amigo. E, ali,

* butis - casebre

naqueles toscos móveis, descansou seu corpo rijo, então abalado e perfurado pelas dores das mortíferas talas do desprezo e do esquecimento do ser amado.

Desejava a verdade, sedento de limpidez e pureza. Não queria a solidão das palavras, o calor da amizade que consola e ameniza a dor, secando a lágrima secreta que desce fluida na brisa mansa que a Natureza oferta.

E, no ombro do amigo, o orgulhoso jovem ouviu a voz da sabedoria. "- O sorriso de u'a mulher, meu filho, esconde, muitas vezes, a própria verdade e pode ser também a tróia de sua própria vida".

Assim Ana falava, pausadamente, quase escondendo a densidade de sua tristeza, completamente contaminada pelo desengano do futuro dirvan. E eu, pequenina e pasma, olhava o rosto grave de Ana e, nos seus olhos profundamente azuis, eu me perdia.

O Vento soprava, trazendo sempre, no seu sussurrar, a minha estória. Que pena que não tive como música de fundo a Cinderela ou a Branca de Neve...

Laili era frágil e inconstante, sonhadora e aventureira, ambiciosa e sutil, valdosamente feminina e cruel. Por isso se deixava levar, às vezes, pelo chamado da voz sedutora do seu noivo.

Era acariciador ouvi-lo à tardezinha, quando já se anunciava o crepúsculo. Ela lhe pedia, ainda, que contasse estórias de sua cidade e de outras mais distantes. E ele a envolvia em seus braços, sentia o calor do seu corpo frágil e toda a inautenticidade do seu enigmático sorriso de mulher volúvel.

Mas, ardilmente, ela sorria e dos seus braços soltava-se, correndo colina abaixo, célere e intempestivamente, em silêncio misterioso.

E o jovem herdeiro de um dirvan, sem orgulho ou altivez, pronunciava seu nome e por ela chamava atônito e aflito. Mas ela não podia voltar. O que a atraía ficava além das montanhas, ultrapassava a linha do horizonte. Seus sonhos de mulher estavam todos trançados e enfeixados nos olhos azuis e fugidios que a levavam além, ao infinito doirado dos seus devaneios de menina, feito de castelos, de reis, de príncipes e princesas. E aqueles sonhos tomavam forma, tornavam-se reais no sorriso de um jovem inglês, que encontrara, naquela encantadora guria, o particular encanto que lhe era familiar. Uma estranha aventura a ambos seduzia.

Laili não escutava mais o chamado do seu noivo e, quando o Vento trazia o seu eco até o sopé da colina, ela não se voltava...

E o jovem herdetro ali ficava, solitário e triste, dialogando com o eco das montanhas. Por vezes a ouvia prometer que voltaria, e então aceltava aquela verdade, silenciando a sua autêntica melancolia...

O cínico sorriso de um inglês, porém, despertava-o e o lançava colina abaixo, despedaçada a figura orgulhosa de um futuro dirvan.

Lá embaixo, sua cidade amada inquietava-se e protegia a imagem grata do seu filho. E era fácil perceber quanta tristeza se aninhava nos olhos de u'a mãe querida e quanto desejo existia nas jovens da sua cidade, que lhe prometiam os sonhos de amor perdidos nos olhos de sua amada.

O Vento soprava sibilino e frio... Eu estava completamente dominada pelos seus cantares.

Ali, no cume do morro onde nasci, entre margaridas silvestres e mato daninho, comecei também a me sentir solitária. Não podia mais visualizar as feições de Ana; apenas a silhueta alta, magra, de severidade aparente e terno coração. Ela me pegava lentamente a mão e passeávamos a passos lentos.

Quando o Vento fez uma pausa em dó maior, levantei-me um pouco lerda e tonta, em rodopios, a cabeça de fios brancos da velhice que se anuncia delicada e sutil.

Tive ímpetos de descer correndo, mas, mesmo que o quisesse, não poderia fazê-lo. As pernas pesadas prendiam o meu passo e o tornavam lento, incômodo, forçado como o meu pensamento.

Tudo estava parado. O Presente voltava e tomava conta da paisagem. Percebi, então, que a tarde avançara muito, e o crepúsculo já se anunciava. Como era Outono, escurecia cedo, e nimbos começavam a cobrir de negrume as fimbrias do horizonte antes límpido e azul, afastando o algodão embranquecido das nuvens antigas, escultoras de minhas imagens...

Eu procurava Laili além das montanhas, com seu loiro príncipe inglês de cínico sorriso e olhos fugidios de velhos e encantados castelos saxônicos. Mas eu não a via, não conseguia divisar-lhe a figura esguia e frágil, acenando para o jovem dirvan com mãos nervosas, o seu adeus...

Por que o mágico poder de tornar-me Laili se afastara de mim ?

Por essa razão, dentro do Presente me encaixei. Iniciei a descida, quase ao crepúsculo, sem conseguir ver nada além da minha estória. Como o jovem herdeiro, cabisbaixa e triste, eu descia devagar. De repente, como costuma acontecer em maio, se toldou o céu de negrume, em véu de imensa tristeza. No fim da tarde, o crepúsculo se fez noite. O Vento era forte, profundo e, batendo em riste na minha face, esbofeteou-a em alerta e me disse chorando:

Katar partiu para além das montanhas, envolto no negro crepe da morte prematura, como partem os jovens amantes solitários... Aos 22 anos, o promissor herdeiro de um dirvan iniciava, para o Além, sua jornada, débil e sem forças, preso, por isso, na armadilha cruel de uma febre fatal.

Mas Laili não conseguiu sequer alcançar as montanhas. Permaneceu embaixo, humilhada e triste. E de vergonha e desalento sua família se cobriu. E a cidade, em murmúrios e sussurros, se envolveu na dor dos desencontros.

Eu descia surrada pelo Vento frio da noite que chegava. A imagem loura e robusta de mim mesma desaparecera completamente.

Antes viva e presente, a figura frágil e brejeira de Laili se transformava numa imagem de mulher gasta pela desventura, curvada sobre si mesma, envelhecida e triste, de passo dubio, caminhando em estrada poirenta e árida. Suas empoeiradas vestes maculavam o pudor de sua tristeza...

Ana desaparecera enevoadada... além da colina. Ficamos nós: eu e o eco das montanhas:

Ponha suas mãos nas minhas, meu amor, e eu, longe, estarei à sua espera. E dir-lhe-ei o quanto a quis. E acordarei a Natureza no momento em que você acordar, para que ela participe da nossa alegria.

Ponha suas mãos nas minhas, e eu esquecerei um passado que não se deslumbrava diante da minha tristeza.

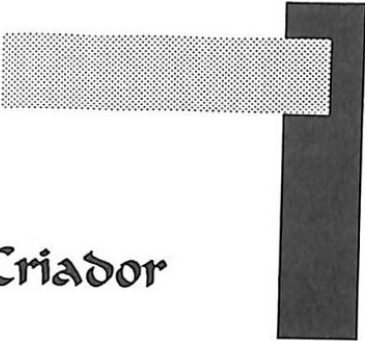
Ponha suas mãos nas minhas, querida, e eu mostrarei a todos que o repouso que eu tive nos mistérios de um Universo foi compensador diante da certeza de tê-la em breve.

E subiremos a colina, e eu lhe mostrarei que tudo será possível diante de um impossível que você deixou num Passado.

Sibilino e frio soprava o Vento, límpido e forte como a Verdade. Mas a Verdade é uma dama esquiva que vive num poço extremamente fundo...

*Bendito é o ventre da natureza
que, diante do murchar de uma flor,
gera outra flor.*





A Criatura do Criador

Ele era a própria natureza; de tal forma imergia nos seus meandros e nela interpenetrava sua alma de criança que, sem dúvida, percebia-lhe os insondáveis mistérios. Não fazia parte dela como um elo de uma corrente. Era sim, como a partícula do hidrogênio na imensa massa d'água.

Difícil isolar aquela criatura que tão intimamente convivia naquelas longínquas montanhas - cantando com as aves e se envolvendo no perfume das flores silvestres - na própria paisagem que o emoldurava.

Parecia a própria continuação dela na serenidade do seu semblante que refletia a placidez do lago que, lá embaixo, lhe oferecia a transparência das águas. Nelas, ele mergulhava o âmago de si mesmo. Hauria forças naquelas faldas do velho Himalaia, quando Ida e Pingala fluíam igualmente; quando o sol se casava com a lua, dava-se então a famosa união do dia com a noite. UASHI era inundado pela quietude e serenidade desse momento, magnetizado por essa abençoada união que é a famosa sandhya ou sushumna, de cujo ventre nasceu a linguagem "sandhya vasha", ou seja o crepúsculo, a linguagem dos devas.

Uma alegria profunda e serena o invadia e ele orava e cada palavra daquela "linguagem do crepúsculo" sempre fluía, prenhe de significado do som de sua raiz. Havia aprendido a falar "sandhya vasha" com os logues, sábios e entendidos pois, semelhante ao sânscrito, essa linguagem só pode ser usada na discussão de assuntos espirituais e não contém vocabulário para os negócios do mundo.

Da boca da natureza saía sua própria voz numa linguagem natural, sempre uníssona com o rumor do mundo que pululava de vida ao seu redor.

Era o Grande Tudo que lhe falava do amor integral e profundo dos seres em integração contínua. Era a Mãe Natureza que o encantava e o envolvia em ardentes chamas de calor humano.

Nenhum amor maior do que aquele, envolvente e profundo, que dentro do coração tão puro se transformava na sinérgica ação do homem com o Cosmo.

As crianças da aldeia lá embaixo onde morava em um "busti", costumavam acompanhá-lo sempre. Subiam com UASHI, diariamente, aquelas velhas encostas indianas e, ao fazê-lo, não apenas se dirigiam para o agradável cume da montanha; estavam todos envolvidos no encantamento singular e estranho daquelas paragens. Não era simples e meramente uma subida, mas uma ascensão porque a fé que UASHI difundia por onde passava, emanava dele como os luminosos raios da lua cheia que suavemente acariciavam aqueles rostos jovens de contornos ainda indefinidos. E com aquela fé na força que a mãe natureza irradiava, UASHI se debruçava com seus meninos sobre ela e era então que se dava o milagre. Quando o simples aflar das folhas dos carvalhos lhe chegava aos ouvidos, ele as transmudava em melodiosa canção por todos sentida.

Quando Kinkamal, a rainha das flores do Himalaia, lhe ofertava sua inexcédível beleza azulácea, semi-enterrada na neve entre duas montanhas, UASHI e os pequenos companheiros detinham seus passos e sobre ela se curvavam, como se estivessem diante de um altar. E realmente estavam. Diante daquela preciosa jóia, extasiados permaneciam. Os lírios cor-de-rosa que os cercavam, as flores das orquídeas de duradoura floração que se prolongavam até dois meses, os cactos abrindo-se em flores de repente nas noites enluaradas completavam a inexcédível beleza daquelas plagas de que o mestre UASHI se servia para mostrar aos seus amigos a força pujante da vida que ali pululava desafiadora. A serenidade indescritível que florescia dentro dele emitia a paz criadora que estimulava aquelas crianças de pequenos corações em busca.

A natureza lhe ofertava todos os recursos para as grandes verdades que, de suas palavras, fluíam em torrentes, em eflúvios de luz.

"- Que te acontecerá, Kinkamal, se eu esmagar as tuas pétalas?", indagava UASHI à sua rainha.

"- Ficarei contente, pois minha fragrância se irradiará por toda a parte e estará cumprida a finalidade da minha vida".

Dessa maneira, falava UASHI ao seu pequenino amigo - que colhera uma flor para lhe ofertar.

E o sábio monge estava certo de que seria essa a última flor colhida por aquelas pequeninas mãos imprudentes mesmo que

um dia estivesse diante da imensa variedade de rododendros azuis, vermelhos, cor-de-rosa, de pétalas multicoloridas que no verão cobriam o vale inteiro.

Os lírios que cresciam debaixo da Bhoja-Patra - a grande árvore - assistiam o mestre tomar do papel feito da sua casca para nele escrever os sutras, os velhos ensinamentos védicos guardados nos corações profundos como os vinhos o são nas grandes adegas ocidentais. Suas certezas chegavam com o cintilar das estrelas, o fluir das águas daqueles rios que ali têm suas cabeceiras.

Todo o Universo respondia às suas perguntas na solidão da noite que nunca o encontrava descansando ou em repouso. Dentro do seu bojo sempre encontrava forças e quietude para as suas indagações. Dialogava com ela e se embriagava no seu frescor e na silenciosa riqueza da sua misteriosa sabedoria. Os animais noturnos também com ele conviviam magnetizados pela pureza da sua mente, impregnada da herança espiritual do Himalaia.

Lá embaixo, na aldeia, adormeciam seus "pequeninos". E quando chegava Ushã, a aurora, jamais encontrava a fadiga no seu semblante.

Os diálogos mantidos com a noite suavizavam a intensidade das suas vibrações mentais e as harmonizavam com aquele ambiente calmo que impele ao silêncio e à meditação. Sabia que, ao fixar seus olhos nos que o seguiam, podia lhes oferecer a serenidade, porque naqueles grandes olhos estava oculto o próprio sorriso divino. O habitante do Himalaia se torna meditativo e ao pé da magroda* e do devdaru* se torna hierático; aprende a dar livremente o que tem nas mãos e no coração e nunca vacilar ante os golpes da adversidade.

UASHI nada tirava daquele imenso todo, daqueles seres que o cercavam. Muito ao contrário, integralmente, sem restrições e sem pudores, dominava com discrição os seus imensos e abismais segredos. A entrega ao Grande Todo era perfeita e integral. Nesse convívio, os garotos da aldeia aprendiam a simplicidade e a verdade do amor e, através dele, a se sentirem unidos como parte das pedras que pisavam, partículas do pó que o vento soprava sobre eles, partituras da sinfonia que a brisa lhes oferecia, notas do canto das aves e do uivar dos tigres, gotas daquele orvalho que umedeciam as folhas dos plátamos e das cadambas*.

* Árvores do Himalaia

Quando chegavam aos seus ouvidos as melodias naturais do fluxo das geleiras, aprendiam a ouvir também as ragas¹ que embalavam seus sonhos de menino.

Alimentavam-se de chapalis² e luchis³ que prodigamente lhes davam o generoso povo da aldela, quando desciam à planície para pedir alimento para os animais que com eles coabitavam, como se não houvesse a divisível noção de espaço, nem a implacável marcação do tempo.

Era o Grande Tudo que lhes falava do amor irrestrito e profundo dos seres em interação contínua. Era a mãe natureza que lhes impunha veladamente o harmonioso cumprimento das suas sábias leis.

Quando a noite chegava, aquelas crianças tinham seus corpos aquecidos, embora nem percebessem a diferença, não soubessem distinguir se eram os galhos daquelas velhas árvores ou os longos braços do monge amigo que os cingiam em afetoso abraço. Por vezes, eram as errantes e constantes nuvens que perpassavam baixas, escuras e muito densas. Quando as gotas da chuva começavam a cair, as lágrimas emocionadas de UASHI com ela se confundiam, escorrendo ambas por sua face irradiante da limpidez do cristal, em louvor ao poderoso mestre do Infinito.

A sua fala, no silêncio daquelas paragens, soava como sino em rústico campanário; tinha o significado da anunciação do toque necessário aos corações, o "sursum corda". E, em volta, os ouvidos se tornavam atentos. Quantas vezes sussurrava mantras e sua voz se confundia com a brisa que soprava a leste, com o canto das aves que ali bem perto se aninhavam, com o aflar dos plátanos e das cadambas, com a estimulante melodia dos cursos d'água que sempre fluíam correndo para o oceano, sem jamais deixar uma lacuna.

A velha Índia, tão sábia porque sofrida, aparecia grandiosa nos lábios de UASHI, com a dignidade vetusta do pensamento védico do qual diria Emerson - "é tão sublime como uma lhama, como a noite, como um oceano em calma". Costumava traçar nas encostas das suas montanhas uma figura simbólica de Hansa, o cisne. Explicava então para seus meninos que o pequeno animal de invejável elegância, que é capaz de distinguir o leite numa mistura de leite e água, é como a Índia, sábia em discernir o Bem do Mal; é o símbolo da Viveka - discernimento - o veículo

¹ Canto das raparigas do Himalaia. ² chapatis: alimentos típicos. ³ luchis: alimento.

de Brama, o Espírito Supremo que permite perceber o Real do Irreal.

E sempre os envolvia nas suas pequenas estórias que a própria paisagem inspirava, que a natureza impunha e o Himalaia provocava. As crianças de olhos vidrados, naquela imagem se emaranhavam, naquela fonte mergulhavam, atraídos por uns olhos sedutoramente ternos que lhes falavam a linguagem natural das flores e das nuvens. Perguntou um dia a nuvem branca que passava à bela flor que se exibía ao sol: "Por que murchas, ó linda flor?" - "Para que outra flor possa nascer, oh amiga errante!", respondeu a flor.

E perguntou à brisa a nuvenzinha célere que passava: "Para onde vais tão depressa, ó brisa apressada e o que deixaste atrás de ti?" - "Não fiz mais que pequenos estragos amiga, mas vi um tufão que muito destruiu". - "Ah! Brisa, volta e verifica que teus pequenos destroços foram bem mais destruidores que os prejuízos do imenso tufão".

Dessas lições eram feitas as cartilhas dos meninos da planície, que em volta daquela singular figura esgula e serena postavam-se para perlustrar os caminhos, injetando-os o perfume da esperança e envolvendo o sábio monge - eterna criança - no seu ar de juventude plena.

Não era raro vê-los, saltitando, galgar obstáculos. Liberava UASHI a criança livre e criadora que dentro de si aprendeu nos mosteiros budistas, através das danças sagradas, o harmonioso movimento dos corpos, a intensa vibração de impulsos internos que tão bem simbolizavam com as forças telúricas e milenares do gigantesco Himalaia*.

UASHI dançava. Libertava-se do mensurável e limitado e partia, através do seu gestual, para o ilimitado e o incomensurável mistério do infinito. Quando as nuvens baixas e densas cobriam aquele cenário de beleza natural, deixavam transparecer o secreto desejo de levá-lo para suas andanças.

E quando um dia os meninos da aldeia desceram em desabalada corrida por aquelas montanhas para anunciar, assustados, o desaparecimento do Mestre amado, Nantu, seu pequenino amigo, olhava fixo o firmamento sem querer despregar seus olhos angustiados daquela neblina que formava agora espesso acolchoado branco sobre o Ganges.

Todo um movimentado exército de aldeões se pôs em busca do monge amado. Mas, sofredamente, debruçavam-se no fim dos dias, que passavam céleres, sobre a terrível inutilidade de seus

* Himalaia significa Lar das Neves.

esforços; não conseguiam um vestígio sequer do corpo inerte do velho monge. As dúvidas que sobrepalravam na aldeia, enchiam de tristeza os corações e ficavam sempre sem respostas. Que aconteceria de extraordinário para provocar o súbito desaparecimento de um sábio-monge-criança sem deixar atrás de si nem uma leve suposição de morte súbita, nem um sinal de seu corpo esguio e ágil, forte e saudável?

Nantu silenciava. Sofria nas suas certezas e sabia o que os outros ignoravam.

No seu íntimo, aliás, sempre soube. Começou a perceber desde cedo que UASHI interpenetrava-se naquela paisagem com a doçura que a grandeza da sua sabedoria propiciava, com a humildade do seu próprio ser. Captava no ar que respirava naquele "lar das neves" onde vivia, que era impossível compreender a fusão tão forte entre aquela simples criança, em monge transmutada e aquelas misteriosas encostas, impregnadas de uma estranha energia vitalizadora. Não se lembrava como havia surgido naquelas paragens o mestre amigo; não sabia também como nasceu lá a primeira Kinkamal. Nantu, ali quieto no seu cismar, olhando as nuvens errantes que caminhavam serenamente, imergia nas suas certezas em busca da grande verdade. Ela lhe parecia tão forte que, ao chegarem os seus companheiros bem perto, indagando-lhe o destino do mestre amado, com os pequenos corações cheios de dúvidas, Nantu tinha nos seus lábios pobres palavras para tão grande destino. E, no sorriso daquele grupo de jovens, Nantu pôde sentir que o compreenderam e penetraram na sua verdade.

Ela era límpida e translúcida como aquela noite que Ihes cobria com um céu de cintilantes estrelas. E penetrava seus corações de criança Ihes trazendo a paz, como se fossem os grandes olhos reveladores do oculto sorriso divino. Os próprios olhos de UASHI.

Impossível desmembrar a criatura do criador. Aquela criatura apenas não fazia parte da natureza, era a própria natureza participante e participada, essência mesma da sua própria existência. UASHI era essencialmente Swami.

Nele se processava a união perfeita com o seu próprio ser; a harmonia do Universo. Justamente por isso, continua como eterna criança, integrada nesse imenso cosmo...

*O homem que dialoga consigo mesmo
está construindo, em seus momentos de reflexão,
um caminho de certezas para suas incertezas.*



O eco do Himalaia

Não estava certa das suas certezas. Muito menos da certeza dos outros. Não podia estar. Era uma **parse***. No entanto, não sentia a sua insegurança naquele momento. Seu corpo muito magro parecia emergir de um rio perdido entre as milenares montanhas do Himalaia. Os pingos d'água do banho caíam dos cabelos longos e escorriam pelo corpo como se o acariciassem de mansinho. Sentia-os desmancharem-se sensualmente nos seus selos. Ao pegar a toalha para enxugar-se, friccionou-a com força e percebeu que, estando marcado no calendário de sua pequena caderneta de notas, ali jogada na bancada, o dia próximo dos seus quinze anos, ela estava pronta. Não se atreveu a traduzir essa sensação. Passou ao largo e foi em frente. Cobriu-se pouco. Era uma noite quente. Verão pleno. Céu de seda azul brilhante. Não precisava de mais nada, pois tudo estava iluminado. A lua viera. Mesmo sem vê-la, sentia a magia que sobre ela exercia estranho poder. Não que fosse propriamente atraída por aquela luz serena, mas não sabia por que a incomodava tanto. Afinal, a noite é bela porque escura e misteriosa protetora de ocultos segredos e de mentirosas verdades. Por isso não a fitava muito; às vezes até se escondia dela. Mas, naquele momento, ao deixar seu quarto de hóspedes, Shanay não queria atravessar dois salões, já àquela altura repletos da elegância sóbria e autêntica de toda aquela gente das mais altas castas indianas, indiferente à miséria dos **bustis** vizinhos. Não. Não era porque fosse uma **parse**. Naquela casa, sentia-se sempre ela própria: a criança que amava a todos, a menina que se sentia dona dos jardins e subia as escadarias para beijar, entre risos e alegrias, a sua querida Mayahana, sua irmã de amizade total que hoje se encontrava como a grande noiva daquela recepção festiva.

Algumas horas atrás, estivera no quarto de Mayahana e pudera vê-la. Os olhos pequenos e brejeiros adivinhavam o que estava oculto naquela noite. Se não era verdadeiro, assim compreendia o que lhe passava pelo sorriso de dentes alvos e largos.

* parse - persa.

Era de uma alegria inquieta, não de uma serena felicidade. Saltitante e sorridente, sempre lhe parecera um ente de contos orientais. Por isso, meio encantada, procurava ser para Mayahana o que ela precisava que fosse: a companheira de matreiras traquinadas. Sempre se deixou ser o que pensava fosse a necessidade de Mayahana. Embora **parse** entre indianos, não se sentia assim, naquela casa tão ampla quanto o abraço do nobre **dirvan**, que lhe conferia dignidade e grandeza. Ele a recebia como se fosse um deles e, na noite em que seu filho festejava o noivado com Mayahana, o nobre **dirvan** não poderia compreender a sua ausência. Por isso também viera. Estava pronta para a felicidade daquela noite. Foi, portanto, com certo anseio de beleza que se dirigira diretamente ao jardim para ver tão somente as rosas. Sabia onde floresciam aquelas flores. Tomou o rumo certo, sem pressa alguma. Meio distraída até. Foi quando percebeu que não estava só. Pensou que no salão se concentrassem todos os convidados. Não queria ninguém com quem dividir aquele espetáculo. Eram umas roseiras enxertadas pelo carinho especial do seu jovem dono, o noivo realmente feliz daquela noite. Shanay, de longe, pensou tratar-se de Kaba Gandhi, que lá houvesse ido para apanhar uma das rosas, levado por seu temperamento romântico. E apressou o passo em direção ao ponto escuro. Mas, logo se deu conta do seu engano...

E o engano estava cheio das dores daquele momento que a sufocava. Agora, o ponto obscuro e longínquo se transformava em uma nuvem tão escura quanto densa, pesada e sobretudo próxima, como a desabar sobre ela em tempestade, como raios riscando o azul do Infinito. Sua mente se queimava em dores feitas de dúvidas e vacilações, de culpas e de anseios. Até a luz serena e incômoda chegara. E a insegurança secular de uma raça cresceu e tomou forma dentro de si. De repente, se sentiu em terra fofa, rolando no despenhadeiro, como boneca mumificada dura, imobilizada, rolando, rolando, indefinidamente, até o centro. Devia haver um centro para recebê-la, **parse** ou não: ela própria, desnacionalizada.

Seu corpo nu, entregue a si mesmo, estava apenas coberto de luar. De angústia também. Vinham da janela aberta o vento e os raios brancos que se derramavam no chão, onde permanecia imóvel. A angústia não vinha de dentro. De onde? Do seu sangue? Era isso. Percorria o seu sangue **parse** um veneno que a diferenciava. Inerte, imobilizada sobre uma esteira de palha indiana, a moça se perguntava porque entrara despreparada naquela noite estranha de sedução veladas. De pálpebras

cerradas, os olhos viam e se fixavam no ponto obscuro para o qual era magneticamente atraída. O odor das rosas entrava pelas suas narinas como se tudo voltasse em ritmo lento. Mas o ponto em nuvem negra transformado a abafava. Por que não vinha de vez a chuva que inchava o bojo daquela nuvem? Que sobre ela desabasse o temporal. Precisava de água para lavar-se. Olhos fechados que não se abriam, mas viam. E viam com nitidez felina. Viam aquele rosto como traçado em linhas suaves e inseguras por um desenhista iniciante. De leve, com medo de fixar suas impressões, e brotando daquele contorno pouco ressaltado, os olhos que, ao encontrá-la no roseiral buscando um amigo, se fixaram rapidamente nela, sem interesse algum e deturpando a sua própria imagem, vagaram indefinidamente, carregando uma tristeza amargurada. Shanay cobriu a figura máscula com sua feminilidade e demorou no halo de amargura em que estava envolvido aquele moço. Enredou-se, aliás, no labirinto das fortes emoções que sacudiam Kurshi. Pálpebras cerradas ainda, os olhos se fixavam agora na flor esmagada pelos dedos fortes das mãos que se destacavam firmes, morenas, velas salientes, dedos longos, entre os quais as pétalas vermelhas desfiguradas, maceradas, eram como postas de sangue que, liquefazendo-se, iriam escorrer e manchá-la... Daquele sangue estava molhada a sua face agora. Era tão real! De tal forma que ergueu o braço, num primeiro gesto que a fazia sair daquela morte suave, e acariciou o rosto. Queimava febril e excitado. Sentia o calor das mãos em seu corpo, como os arrepios que lhe estremeceram o corpo franzino naquela noite. Vira as mãos arrancarem com ódio a rosa vermelha, o balançar do galho em defesa impotente, o puxar brusco dos dedos como facas, a cortar os laços daquela união da natureza. Assustada, sentira uma dor doída. O ódio com que os dedos esmagaram as pétalas tinha gosto de sangue agora. Passou a língua nos lábios: sangue quente de corte brusco. Tocou no selo esquerdo e passeou os dedos: sentiu o pulsar da sua própria vitalidade. Não estava morta, inerte o corpo apenas. Tinha medo. As pétalas vermelhas ficaram na terra. Havia-lhe perguntado, ingênua e timidamente, algumas coisas, balbuciando quase os seus porquês. Mas obtivera, como respostas, a dor e a revolta. começava a ouvir as frases atropeladas: - "Por que se aproxima de mim com tantas perguntas? Deixe-me só. Esmago a flor para não esmagar sentimentos mais nobres". Continuava a ouvi-las, e uma das palavras ficara gravada e agora se repetia como que gritada: esmago... esmago...

Shanay não sabia a causa da mágoa que se incrustava

naqueles olhos, não sabia que era uma chama. Queimava e abria chagas. Luz que penetrava. Ardía. Tinha forma de punhal. Era uma arma branca. Feria fundo. Não sabia que amor e ódio se misturavam. Aliás, devia tê-lo pressentido através da história da sua própria raça.

Mas, como saber dos insondáveis mistérios em que o corpo humano se enrosca, retorcendo a beleza dos seus caminhos?

Seu corpo despido e iluminado, quieto e imóvel, assistia, até agora, ao turbilhão em que imergira sua mente. Mas, de repente, sentiu dor. Devia estar ali, na pequena sala, há muitas horas. Da porta entreaberta por onde Kurshi saía em gestos rápidos, entrava agora uma aragem meio fria. Na verdade, nem sabia bem onde se encontrava, mas a luz de um pavio aceso ardía. Em turbilhão se perdera, imersa num magma, massa indefinida feita do seu amor e do ódio que lhe fora transmitido... A rosa escorrendo sangue, sentimentos entrelaçados, retorcidos. Como pavio. Fechou novamente os olhos. As pálpebras cobriram a realidade, mas a luz queimava, pavio aceso, e ela própria em brasas se tornando cinza. Teve, de repente, vontade de gritar, com o pavor do nada em que as cinzas se tornaram. Mas os lábios fechados se recusaram, porque, no comando cerebral, não havia ordens. Era tudo marasmo e confusão plena, cheia de tudo e de nada. Sentiu o corrúpio da tontura e tentou levantar-se. Não conseguiu. Entregou-se mesmo. Imergiu mais fundo no magma indiferenciado das suas contraditórias sensações. Quando a luz consumiu o pavio e as cinzas, a brisa as levou rapidamente seus olhos se abriram... A lua, que tanto a incomodava, iluminava o cômodo sagrado, local de meditação do velho **dirvan**.

Ao entrar ali, tivera as mãos e os olhos envolvidos no enigma dos sentimentos fortes de Kurshi. Não pudera sentir o halo místico que agora a envolvia. O perfume do incenso indiano espargia-se no ar. Ela respirou fundo, fltou o firmamento e tentou erguer-se. Chegou à janela e sentiu frio de novo. A noite transfigurava-se, banhada daqueles raios que incidiam sobre seu ventre.

Por que viera? Indagava à noite. Mas que noite, de que calendário em que lugar do mundo, pode oferecer resposta ao que por si mesmo está respondido na harmoniosa beleza do Universo?

Havia sido um convite estranho. Kurshi a vira depois daquele encontro no roseiral porque ela o procurara. Tinha certeza de que o atraíria pela beleza de suas formas e procurou buscar por si mesma o enigmático gesto da flor esmagada, porque Mayahana não o sabia, sorria misteriosa e enigmática, aconselhando-a que o procurasse. Havia tempo, porém. Ela lhe dissera

que Kurshi iria permanecer. Era um hóspede desejado. Kaba Gandhi o amava desde criança. Queria-o perto de si, para dividir com ele aqueles momentos intensos, inebriados de suas ilusões. Todas entregues a Mayahana. Precisava do amigo. A sensação de que o mundo estava conquistado era demasiado grande para conter dentro de si mesmo. Queria retê-lo por mais alguns dias. Esse tempo, que agora parecia a Shanay curto demais, permitiu-lhe aproximar-se da amargura que a magnetizara, porém, de mistério em mistério, tinha apenas chegado até ali. Ele a trouxera... suas mãos presas às dele...

A moça **parse** olhou em volta. Arrepios de frio a fizeram procurar as roupas que, jogadas no chão do quarto, lhe pareceram sagradas. Sentira, naquele instante a força das mãos em sua carne, envolvidas em brasas dos desejos ardentes que violentamente a cortaram. Sentira o ódio do homem em suas entranhas e nos seus lábios, o gosto do corte. Aquela raiva surda explodira sobre ela, instintivamente. Animalescamente. Na intensidade, porém, do ódio derramado, a moça se embebera dos seus próprios desejos e se entregara plena e integralmente. Imolara-se sem questionamentos e sem reservas. Quando ele a largou abruptamente, imóvel na lassidão plena, ela sofreu na carne a repulsa do macho saciado. Ele a empurrara febrilmente e saíra. Não podia saber que daquele instante paradoxal e estranho estava feito, agora, o intrincado caminho de sua própria vida.

O frio chegava. Já era alta a noite. Precisava aproveitar a proteção da escuridão provocada pelas nuvens que encobriam o luar para sair dali. Seu corpo doía. Sentiu as pernas em tremor e abaixou-se. Assustou-se. De repente, o vestido vermelho, jogado a esmo, lhe provocava náuseas. Não pôde apanhá-lo; não conseguiu. Vomitava e suava frio. Pensava agarrá-lo e vestir-se. O vermelho da rosa... Pareceu vê-la esmagada diante de si. De um relance, o ponto obscuro voltou à sua mente. Segurou a testa e vomitou de novo. A rosa... Shanay percebeu que ia desfalecer. Suas forças se esvaíam. Urgia aproveitar as que lhe restavam. De vermelho se cobriu e, sumindo na noite escura, parecia mais levada pela aragem que chegava. Quando alcançou o quarto estava exaurida. Consumira-se. Macerada, a rosa desprendia o perfume que a envolvia agora. Tudo como sempre. Afinal, era uma jovem **parse**. Simplesmente.

A fantasia de Kurshi, ao desejá-la, enveredara por caminhos perigosos. Nos seus aposentos, para onde se dirigira ao deixá-la inerte sobre a esteira indiana, o jovem se perdia no emaranhado de seus conflitos, no paradoxal amálgama de seus

sentimentos. Querla oferecer ao universo a força de um anelo inquebrantável e sincero, e cantar; gritar por um amor perdidamente acorrentado aos fibrosos laços dos seus desejos. Percorrera, porém, o caminho inverso. Suas mãos se crispavam de ódio e desengano, e esmagaram a fragilidade incauta das flores da sua estrada. Odiara e destruíra com seu rancor a harmonia de um mistério e o encantamento de seus próprios sonhos. Tentou apagar depressa o que suas ilusões deixaram firmadas no melhor de si mesmo. Sabia que só lhe restava um pequeno atalho: orar. A boca se abriu num gesto automático, e os braços lhe caíram ao longo do corpo. Não podia. No entanto, era a única coisa possível. A vontade fraca retorcia-lhe a mente... No seu **eu** interior e profundo, dominavam aquelas ignoradas forças do inconsciente. Não conseguia dominá-las. Querla voar e tentou fazê-lo. As garras odiandas do abutre penetraram sua carne e o levaram até onde seu desejo alcançou. Onde estava agora a sua vontade? Havia aprendido desde criança a discipliná-la. Abandonara-o aquela força? O oco do tronco da árvore lhe aparecera agora, mas o vazio não chegava à sua mente. Estava sentado em posição de lotus. Começou a pronunciar o **mantra**, mas as palavras eram simplesmente palavras, e, no seu escuro, não havia claros. Sentia o corpo da menina misturar-se à imagem de Mayahana, e um monstro horrendo se afigurou no ar gelado que chegava da porta aberta. O **mantra** de novo. Em sânscrito, recitou-o depressa. Desfez-se a imagem sinistra. Buscava o vazio no vôo do pássaro, mas era o abutre de garras que descia sobre sua cabeça. Como setas, vinham as imagens que desencadeavam os pensamentos. Nenhum pousava tranqüilo em sua mente. Circundavam-na, mas ele os afastava. Perseguiu o vazio. "Te debruças em vão. Nem no fundo, mais profundo me acharás".

Nunca tinha sido em vão. Kurshi debatia-se nas próprias cordas do seu pensar. Ansiava pela libertação. E ela veio. O mosteiro se delineou firme. Levantou-se, como se uma leve corrente o tivesse eletrizado. A imagem de Mayahana estava distante, afastara-se. Podia vê-la, agora, envolvendo-o em sua alegria brejeira e encantadora, quando, sobre uma rosa vermelha, colou os lábios antes de oferecê-la com as mãos em concha. Aquele gesto simples, feminino e sutil o serpenteou. Irremediavelmente, o círculo estava fechado. E nele estava Kaba Gandhi. Era uma forte presença. A velha Índia se agigantava aos seus olhos cansados, e a infidelidade de Mayahana o abateu em chelo. Apaz do mosteiro estava chegando até ele, de mansinho. A pouco e pouco. Sabia de há muito que seu caminho não tinha mais

curvas. Sentiu irreversível o processo da ida sem volta. Abriu a pequena bagagem e dela retirou um minúsculo objeto. Levou-o à testa, entre os olhos, e, em sânscrito, pronunciou algumas palavras, lábios meios cerrados, olhos baixos, mente em lugar nenhum, porque no Infinito derramada.

A noite quente, de céu iluminado e estrelas de papel dourado recortadas, era silenciosa e mística. Fadas e duendes rodopiavam no ar, e o invisível se tornava visível para olhos que sabiam ver. Noites estranhas, quando a harmonia do Universo é tocada em harpas e alaúdes, na sinfonia da beleza cósmica. Os homens do mundo, de ouvidos obtusos, ouvem estampidos oriundos das armas que disparam nas últimas violências coletivas. Kurshi estava encerrado dentro de si mesmo, no abismo de suas próprias incertezas, tentando atravessar as barreiras das dúvidas no amorfo do seu **todo**, buscando as definitivas formas do seu **nada**, a integração de suas partes agora partidas em pedaços de dor sem paz. Havia rompido a harmonia interior supostamente conquistada pela sua fê e nela buscava, em momento desesperado, a sua identidade. Batia forte a mágoa, mas era a culpa que o esfacelava. Uma secreta esperança o havia levado àquela casa. A presença de Mayahana o seduzia. De novo lhe pareceu que orar seria o único e possível socorro. O essencial. Novamente tentou, e o obscuro da sua mente se tornou límpido, e a essência da sua verdade traçou as diretrizes do próprio destino.

Era dia claro, de sol alto. Rapidamente vestiu-se e deixou o luxuoso quarto de hóspedes. Ansiava pelo sol, que lhe daria coragem para a decisão final. Sabia que precisava voltar ao quarto de herméticas vontades, voltar-se para aquela menina. Era uma necessidade.

Como o tempo passasse sem vê-la, Kurshi pediu a Mayahana a presença de Shanay e, embora ela resistisse, Mayahana convenceu-a a apresentar-se.

Ao encontrá-la e novamente tocá-la, percebeu Kurshi claramente, a miséria e a grandeza do desenrolar daqueles desencontros marcados pelo cármico desempenho de cada um.

Era uma hora tão verdadeira e plena que Kurshi não se permitia vacilações. Aquela menina não estava apenas entre seus músculos rijos que fortaleciam. Nos momentos supremos do prazer físico e sensorial, ela lhe entregava a chama viva da sua esperança. A compaixão dominou-o; e foi, então, que sentindo a vibração de uma vida em seus braços, de voz baixa e rouca, Kurshi, já de corpo nu, desnudou-se por inteiro, sem reservas. E, ao desflar-lhe, conta por conta, o seu rosário, buscava a pureza

em que os velhos e sábios monges tibetanos o haviam envolvido. Quería a dignidade que o mosteiro lhe exigia e que as tradições de sua família apontaram com a inexorabilidade de um propósito antigo e firme como seu destino. E, ao falar com aquela menina feita mulher, crescia dentro de si a vontade de oferecer-lhe, em força e pujança, o amor que sentia por Mayahana. Foi com esse amor que seus desejos se tornaram, para Shanay a dádiva suprema do encontro com a verdade. Decifrado o enigma da amargura que a atraía, Shanay trouxe de súbito o gole irreversível do seu elixir da vida. As depressivas lágrimas do futuro monge, ferido do fogo ardente da desilusão, espargindo um desgosto imenso, caíam sobre os seios de Shanay como pequenas gotas de uma chuva benfazeja que ela recebia como terra ressequida. Era quase tudo do imenso nada que a esperava no amanhã.

Kurshi olhava agora, meio aturdido, o corpo estendido. O incenso queimava. A compaixão o acendia. E, ao passar as mãos nos cabelos de Shanay, os sentiu embaraçados nos seus dedos. Cuidadosamente, tentou desvencilhar-se e, enquanto o fazia, aconchegou-se aos ouvidos da moça abandonada a si mesmo, indefinida e só. Sussurrou-lhe, a custo, os espinhos da sua estrada: nunca mais... e para sempre.

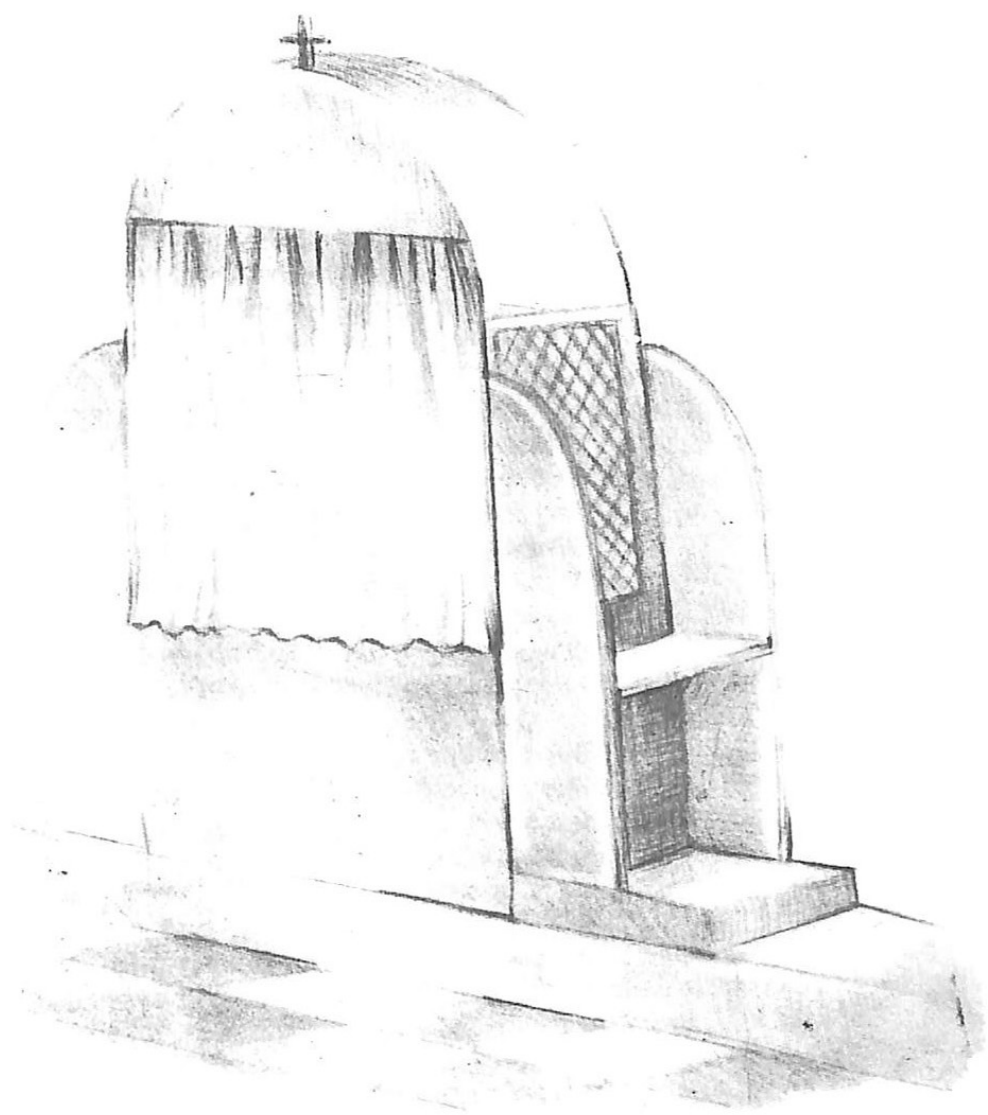
Dessa vez, entreabriu suavemente a porta e, em passo lento, atravessou o bosque interno. A imagem de Mayahana o deteve. Parecia tão real naquelas sombras! Por isso parou. O Infinito não era tão longínquo naquele instante. Pensava imergir nele e buscar... Pensou em Kaba Gandhi. Era uma amizade resistente aos percalços. Conseguiu vê-lo ainda bem jovem, ali mesmo, em dia claro, à sombra das velhas árvores. Sentou-se num galho baixo e forte começou a ver o que não podia ver. Apressou o passo em fuga e chegou a seu quarto de pernas vacilantes. Em sua mente, o quadro se delineou claro. Sobre seu amigo Kaba Gandhi desabava uma chuva de fogo, e Mayahana sorria e fugia, desaparecia, cada vez mais distante.

Kurshi recitou o **mantra** e, abrindo a janela para a noite, repetiu a sua certeza: nunca mais e para sempre.

Numa manhã radiosa e bela, muitas luas depois, ao subir a colina de um velho mosteiro, um sábio monge compreendeu que aquelas não haviam sido simplesmente palavras. E nunca o foram...

E, quando a noite se iluminava na colina e de dourado o céu se permitia cobrir, ele sentia, na brisa que soprava vinda dos **parses**, o hálito puro de um infinito amor. Para todo o sempre.

*Quando se calçam as sandálias da vontade,
o caminho se torna menos áspero.*



O Silêncio da Confissão

Templo vazio. Espaço. Amplidão. A figura finita, limitada, pequenina e frágil. Medo, culpa, angústia enchendo o vazio da nave principal. Anjos barrocos, caras redondas, sorridentes, seguradas por cariátides.

Corpo sem pernas entrando no vazio do caos, no turbilhão do magma. Tudo e nada; a vida na morte do todo, a morte na vitalidade do desejo de seguir adiante e parar completamente no caos abissal da Babel humana; desejo de paz infinita, dentro do conflito tumultuoso de um labirinto estranho.

A mulher-menina ouve o silêncio sepulcral dentro do vozerio tonitroante do mundo - e o frio da solidão no calor do verão escaldante. África do Sul, tórridas e sufocantes baforadas de um ar irrespirável. O gelado iceberg permanece dentro da sua ilha.

O longo percurso pela nave da igreja - uma estrada crucial. A via dolorosa? Nem tanto. Um mórbido desejo de abraçar o mundo. Depois repeli-lo. Estranhas sensações de esquisita dor ou seria a disfarçada alegria do amor conquistado, atormentado, trancado em ferro fundido, não sancionado pelo seu próprio ego? Culpa? Medo? Lá no fim da estrada o sacerdote, a figura milenarmente esculpida: o confessor.

Era ali realmente o norte das suas andanças? Estaria perdida nos caminhos da perplexidade e da dúvida culposa? Foi indo, seguindo, passos largos e acanhados, cambaleantes e firmes, tudo confuso e sem coordenação. Que cérebro havia naquele esqueleto de mulher-menina? Mais osso que carne no corpo fino, mais carne que osso na alma flácida, feita agora de estranha amálgama.

Ao confessor se colocou afinal, jogado o corpo ajoelhado no confissionário e lá derramou o caldo do seu pecado de menina-mulher de um século engastado num tempo. Palavras entrecortadas de revolta, de ardor, de culpa, medo e raiva, e assim se vai configurando a sua imagem, de que deseja fugir, desprezar o tudo do seu presente para seguir o tudo do seu

depois, o válido, o amor descoberto, límpido, forte. O lar, os filhos, esse tudo era pequeno demais diante do "tudo" que enchia a alma toda, lhe cobria de glória, de espinhos e de flores, de gozo e êxtase. Precisaria desse tudo. Foi falando, pecando, suando, gozando o alívio de deixar ali despejada a culpa já agora no seu passado. Viu-se menina na solidão, imaginação solta, viagens fantásticas, conversas com as formigas, a contínua interrupção das chamadas à realidade, a volta a um mundo de miragens, fantasias. A adolescência, o casamento, os filhos, tudo lhe pareceu nada diante do tudo, daquele encontro de Amor Pleno. Orar, rezar, sufocar, engulir lágrimas. É isso padre, a receita para o amor impossível? Amor tem sentido de pecado?

Despedaçado pela dor que alivia a culpa, o corpo franzino da menina-mulher se desmorona e tenta soerguer-se.

Mas, quando a voz, familiar aos seus ouvidos, pronunciando seu nome em comoção dorida, soou naquele confissionário como nota dissonante na melodia conhecida, então o seu tudo em nada se tornou.

Editoração e Impressão

LIVRARIA CULTURA

☎ 248-6604

GRÁFICA MAIA LTDA.

☎ (071) 384-7797

ERRATA

Pág.	Onde se lê:	Leia-se:
11	(linha 16) próximos	próximo
	(final) Galessi	Galeffi
13	(linha 10) prosáico	prosaico
21	(linha 16) da colina	a colina
22	(linha 35) comtemplá-las	contemplá-las
	(linha 41) imensamente	intensamente
23	(linha 8) faia	fazia
	(linha 22) amanhecer do dia.	amanhecer daquele dia.
	(linha 42) ficado	ficara
24	(linha 30) daquele	daqueles
25	(linha 23) e fofa,	e fofa
26	(linha 25) Por que?	Por quê?
33	(linha 6) autentica	autêntica
34	(linha 24) poirenta	poeirenta
39	(linha 8) na própria	da própria
40	(linha 4) lá embaixo	lá embaixo,
41	(linha 5) o mestre	ao mestre
42	(linha 5) davam	dava
	(linha 9) Grande Tudo	Grande Todo
50	(linha 33) mumificada dura	mumificada, dura
52	(linha 26) rapidamente seus olhos	rapidamente, seus olhos
56	(linha 19) a si mesmo,	a si mesma,
61	(linha 29) confissionário	confessionário
62	(linha 11) engulir	engolir
	(linha 16) confissionário	confessionário

CORPO DOCENTE

Ana Maria de Castro Loureiro (Diretora)
– Governo Municipal de Salvador
Antonio Luiz F. Bahia
Catarino Assis Cerqueira
Darivalda Maria S. Oliveira
Elma Monteiro Prazeres
Gerson Coelho Coutinho
Iracema Vilaronga
Irene Guimarães Moura
João Edilson Vilas Boas Prazeres
Laura Lídice P. dos Santos
Lícia Alves Vilasboas
Lígia M. de Brito
Maria Angélica Bastos Rocha
Maria Cerqueira da Cruz Gomes
Maria da Glória Brandão de Santana
Maria da Rocha Passos
Maria Madalena Arapiraca
Maria Teixeira de Almeida
Marilene Martins Sena (Diretora)
– Governo do Estado da Bahia
Marlene Guedes D. R. Pereira
Nadir Valentim de Souza
Nívia Quadros de O. Norberto
Olivaldo Barbosa Passos
Patrícia Amorin de Amorin
Raimunda Flora dos Santos
Regina Ferreira Duarte
Rita Maria de O. Sampaio
Rosângela P. Andrade
Sandra Maria C. Fonsêca
Tereza da Cruz Sampaio

PESSOAL DE APOIO / ESCOLA ICB, DO ESTADO E MUNICÍPIO

Ailton de Jesus Silva
Edson Ferreira Matos Filho
Gildete de Carvalho Duque
Gisélia Alves de Santana
Marcelina Brito Santana
Marli Ferreira
Olga Maria de Jesus Santos
Patrícia Milton Santos
Rita de Cássia Almeida Lima
Rosângela Pereira Andrade
Sandra Maria Caetana Fonsêca
Selma Conceição Milton Santos
Solange Silva Ramos

TÉCNICOS

Ana Mônica de Vasconcelos
Devanise de Araujo Silva
Sandra Maria de Souza Rodrigues

PESSOAL DE APOIO / I.C.B.

Joseli Nunes Balduino
Maria Almira de Souza Bispo
Ricardo Queiroz